26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
ISSN 2177-3688

GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação

MUSEOLOGIA E PRÁTICA TEÓRICA: STRÁNSKÝ E A REVOLUÇÃO-CONSERVAÇÃO EPISTEMOLÓGICA

MUSEOLOGY AND THEORETICAL PRACTICE: *STRÁNSKÝ AND THE EPISTEMOLOGIC CONSERVATIVE REVOLUTION*

Luiz Carlos Borges – Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Propõe-se uma releitura crítica da história da museologia a partir dos anos 1980, com base na intenção de Zbyněk Z. Stránský de efetuar um corte epistemológico, cujo objetivo central era assegurar a cientificidade da museologia. Corte ou ruptura que consistia, essencialmente, na definição de um objeto teórico, ou próprio, o qual, pelas razões por ele expostas, não poderia continuar sendo o museu. No que tange às condições de cientificidade, parte-se do princípio epistemológico de que os argumentos de Stránský estavam corretos, não obstante o caminho que, a partir desse momento de crise teórica e identitária, a museologia efetivamente percorreu. A chave interpretativa, tanto teórica quanto metodologicamente, inclui elementos da museologia, da história da ciência e da análise de discurso. Enseja-se, com isso, analisar sob uma perspectiva crítica, a singularidade e o significado do gesto stranskyano, vis à vis ao que se observa no atual estado da arte dessa disciplina. Argumentar-se-á, em suma, com base nessa releitura tanto do momento crítico quanto do seu devir, que a museologia padece de um inacabamento epistemológico. Conclui-se, pois, ter havido no campo museológico uma revolução-conservação epistemológica que, por fim, ajuda a compreender a atual configuração bem como as contradições, expostas em sua dualidade constitutiva, desse campo de produção de conhecimento.
Palavras-chave: museologia; ruptura epistemológica; Stránský.

Abstract: A critical rereading of the history of museology from the 1980s onwards is proposed, based on Zbyněk Z. Stránský's intention of making an epistemological cut, whose central objective was to ensure the scientificity of museology. Cut or rupture that consisted, essentially, in the definition of a specific theoretical object, which, for the reasons explained

by him, could not continue to be the museum. With regard to the conditions of scientificity, it's assumed based on some epistemological principle that Stránský's arguments were correct, notwithstanding the path that, from this moment of theoretical and identity crisis, museology effectively took. The interpretative key, both theoretically and methodologically, includes elements of museology, of history of science, and discourse analysis. It's aimed to critically analyse the singularity and meaning of Stransky's theoretical rupture, vis a vis this scientific discipline current state of art. In short, it will be argued, based on this rereading of both the critical moment and its becoming, that museology suffers from a epistemological incompleteness. It is concluded, therefore, that there has been an epistemological revolution-conservation in the museological field that, ultimately, helps to understand the contemporary configuration as well as the contradictions, exhibited in the constitutive duality of this field of knowledge production.
Keywords: museology; epistemic rupture; Stránský.

1 UMA RELEITURA DE UM MOMENTO MUSEOLÓGICO CRÍTICO

A partir de uma chave analítico-interpretativa formada por elementos da museologia, da história da ciência, da análise de discurso e do materialismo histórico, este trabalho assume uma filiação teórico-ideológica à concepção museológica tal qual enunciada por Zbyněk Zbyslav Stránský[1] em diversos de seus textos germinais, nos quais argumenta que, para fazer-se ciência autônoma, a museologia deveria, imprescindivelmente, curar-se da obsessão pelo museu como objeto próprio da museologia. Fato que ele considerava, segundo pode-se deduzir de sua posição teórica, pré ou não científica, utilizando-se aqui as categorias proposta por Gaston Bachelard (1996).

Assume-se também que tanto o momento histórico-social quanto o chamamento do Conselho Internacional de Museologia (ICOM), através dos dois números do *Museological Working Paper* (MuWoP), publicados em 1981 e 1981 respectivamente, constituem um dos pontos nodais e fecundantes de inflexão teórico-conceitual na e da museologia. Em sua trajetória intelectual, Stránský (2020, 2017, 2008, 1981a, 1981b) propunha que a museologia poderia assumir um estatuto efetivamente científico se e somente se rompesse com seu principal obstáculo epistemológico, qual seja, o de ser e operar como uma espécie de zeladora das musas e do museu, visto até então estar reduzida a desempenhar um papel "[...] ancilar frente à sua aplicação prática nos museus" (Stránský, 1981b, p. 71)[2].

[1] Museólogo tcheco, nascido em 1926 na cidade de Kutuá Hora (antiga Tchecoslováquia), falecido em 2016 na cidade de Banská Bystrica (Slováquia). Não há muitos dados sobre sua vida pessoal e acadêmica, pelo menos até antes de 1965. Para mais informações, Baraçal (2008, 2015), Brulon (2017), Soares (2019), Mairesse; Desvallées (2011).

[2] "[...] the so-called museology has only an ancillary role to play with regard to its practical application in the museum".

Em relação a essa posição filosófica e político-ideológica de Stránský, há, pelo menos, três aspectos-consequências que não podem deixar de ser mencionados e analisados: o gesto epistemológico fundador desse museólogo, a ruptura ou corte epistemológico e seus desdobramentos, e o devir histórico e teórico-metodológica da museologia.

O primeiro aspecto-consequência refere-se ao fato histórico de que, apesar de propor e defender a necessidade vital de se operar na museologia um corte ou ruptura epistemológica (Althusser, 2015; Bachelard, 1996), de fato, Stránský não consuma esse corte. E a razão é simples: nenhum indivíduo isoladamente, por mais genial e seminal que possa ser, é capaz de operar uma ruptura epistemológica. Para tanto, é indispensável a conjugação teórico-metodológica e política de um complexo de novo aparato teórico e prático coletivamente aceito e reproduzido por certo *quantum* de tempo. Afinal, como aponta Junior (1980), o conhecimento é um produto coletivo e histórico, um fluxo social para o qual cada indivíduo oferece sua contribuição. Ademais, é fundamental que os fatores estruturantes instituintes da nova proposta sejam propagados e estabilizados pelos dispositivos ideológicos de sociedade (DIS)[3] que atuam no campo científico e acadêmico, tais como periódicos, congressos, instituições, cursos de formação, etc. De forma a, ademais de se instituir em discurso científico fundador, tornar-se a referência lógica do novo fazer museológico.

Desse aspecto-consequência derivam-se os demais. Basta um breve olhar diacrônico, a partir de 1980, tomado como marco cronológico de referência, para se verificar que a museologia não logrou constituir, para si e a partir de sua especificidade científica, um paradigma, ao menos no sentido que Thomas Kuhn (2013) consignava a esse termo. Em parte, porque o gesto de corte não redundou em uma ruptura efetiva. De 1980 para cá, a maioria das novas correntes teórico-metodológicas e das práticas teóricas (Althusser, 2015) em museologia têm como centro de suas reflexões o museu, suas funções e suas razões de existência e não a museologia enquanto um ente epistemológico (Baraçal, 2015; Brulon, 2017; Desvallées, 2013; Mairesse; Desvallées, 2011). Tudo considerando, observando-se o percurso

[3] O conceito de Dispositivo Ideológico de Sociedade (DIS) foi, obviamente, decalcado do conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado, elaborado pelo filósofo francês Louis Althusser (1980). Inicialmente, apareceu em Borges (1998) com o nome de Aparelhos Ideológicos de Sociedade (AIS). Justificava-se, então, e continua a se justificar a adoção desse conceito pela necessidade de mostrar a existência de aparelhos ideológicos para além de sociedades com ou de estado e, igualmente, pela verificação de que em qualquer grupo social estabilizado atuam formas de repassar as linhas mestras que amalgamam esses grupos, mantendo-os coesos (em suas contradições internas). Posteriormente, para melhor inserção no vocabulário da Análise de Discurso e por sua abrangência semântica, trocou-se aparelho por dispositivo.

da museologia, concorda-se com Soares (2017, p. 144, grifo do autor) ao dizer que desde (pelo menos) a criação do ICOM que "[...] vem se buscando, *sem sucesso*, uma definição científica para a museologia" e acredita que, em grande parte, o caráter frustrado/frustrante dessa busca se deve à "incapacidade de se definir o seu objeto de estudo". Incapacidade - ou outra razão - que só pode ser legitimamente atribuída aos que militam no campo museológico. Em síntese, como se procurará demonstrar em seguida, todos esses fatores resultaram em um inacabamento epistemológico que, por sua vez, redundou no que, com base em Gramsci (2002), pode-se chamar de uma revolução-conservação.

Todavia, se é difícil argumentar de modo rigoroso que esse momento de crise e superação levou à formação de um paradigma museológico, é, não obstante, incontestável que a museologia se constituiu, ao longo do tempo, em um campo científico, tal qual Pierre Bourdieu (2004) concebe e aplica esse termo. As diversas correntes, movimentos, concepções e posições teóricas e práticas sobre o fazer museológico[4], com suas contradições, controvérsias, consensos e dissensos constituem evidências necessárias e suficientes para demonstrar o seu estatuto de campo disciplinar que, todavia, parafraseando Luigi Pirandello (1978), ainda se encontra à procura de sua cientificidade.

Antes, contudo, de prosseguir analisando o tema-desafio aqui proposto, cabe, ao menos sumariamente, apontar alguns fatos históricos que levaram a reflexões e a inflexões tanto teóricas quanto práticas que, em diversos níveis, abalaram e formataram a museologia tal qual a conhecemos. É inegável que o mundo pós-segunda guerra mundial apresenta uma configuração histórico-social bem diferente em relação à realidade[5] mundial do período pré-guerra. No bojo da segunda revolução industrial, Adam Schaff (1995) aponta três grandes revoluções que, ao longo do tempo, moldaram o que se convencionou chamar (não sem polêmicas) de mundo pós-moderno: a microeletrônica, a microbiologia e revolução tecnológico-industrial, cujos efeitos se espalham em escala global. Em termos especificamente museológicos pode-se destacar, a afirmação da função pedagógica do museu

[4] No que tange à terminologia, distingue-se museológico (relativo à museologia como campo científico) de museal (relativo ao museu e suas funções).

[5] Real/realidade são termos chave na argumentação de Stránsky e outros museólogos. Neste sentido, cabe conceituar esses termos, tomados aqui de forma sinonímica. Ainda que admitindo diversas possibilidades de entendimento, para fins de argumentação e análise, adota-se o conceito elaborado por Chaui (2025, p.20, 24), segundo o qual "o real não é constituído de coisas", mas, sim, "o movimento incessante pelo qual os seres humanos [...] instauram um modo de sociabilidade e procuram fixá-lo em instituições determinadas ([...] condições de trabalho, relações políticas [...], formas de arte, transmissão de costumes, língua etc.)".

(1958), o museu de vizinhança (1960), a reunião de Grenoble (1971), a Mesa de Santiago/museu integral (1972), criação do Comitê Internacional de Museologia/ICOFOM (1977). Esse complexo de eventos levou à crise dos paradigmas (socioambientais, morais e epistêmicos) e, na ordem global, a rearranjos geopolíticos.

Tomando como referência 1980, na museologia tudo culmina no que foi publicado nos dois MuWoPs. Tanto o número 1, publicado em 1980, com o tema "*Museology - science or just practical museum work*", quanto o número 2, publicado em 1981 e cujo tema era "*Interdisciplinarity in museology*", são repostas institucionais frente às pressões que estavam sendo sentidas e observadas no campo museológico, agudizando as contradições inerentes ao pensar/fazer museológico, de modo a levá-lo a um ponto de tendência de mutação ou de refundação paradigmática (Althusser, 2015) que, como aqui se defende, historicamente se corporifica em Stránský.

Passados já 46 anos daquele momento histórico, poder-se-ia inquirir sobre a relevância de se retornar a ele, visto que, ao longo desse período, a museologia passou, e continua passando, por renovações e readequações prático-políticas e teóricas. A razão é liminarmente simples. De acordo com Žižek (2026), acata-se que, desde os primórdios da filosofia (a arte de pensar o (im)pensável a função primordial de um teórico é pôr em xeque a ordem político-epistemológica vigente. Ademais, em relação ao pensar a museologia, como afirmou Stránsky (2017, p. 18), "[...] temos que refletir sobre o nível científico, quer dizer, filosófico", o que, por sua vez, implica a objetividade analítica rigorosa. Em segundo, embora existam muitas leituras a partir de diversas chaves interpretativas, não existe, até onde a literatura alcança, nenhuma que o faça sob a ótica gramsciana e na perspectiva de ter havido uma revolução-conservação. Em terceiro, porque se trata de uma questão teórica e histórica que não perde sua atualidade como, aliás, indicou Soares (2017), uma das funções da museologia é a mnemônica, ou seja, a de "lembrar o que os outros esqueceram ou querem esquecer" (Hobsbawm, 2007, p. 9).

Ademais, é de Stránský a famosa tese que, desde então, se tornou uma espécie de discurso fundador de uma nova museologia: a museologia, enquanto ciência, se define por sua relação gnosiológica específica com a realidade. E, enquanto um tema que interessa também à história da ciência, tanto as declarações quanto a proposição stranskyanas demandam ser interpretadas à luz dos princípios e procedimentos de um dispositivo analítico

crítico[6], o qual, por sua vez, exige colocar-se em um lugar de fala simultaneamente endógeno e exógeno.

2 DE ZELADORA DOS MUSEUS À EMANCIPAÇÃO EPISTEMOLÓGICA

Na locução "zeladora dos museus" ressoa o enunciado de Stránský no MuWoP de 1981. É justamente essa condição ancilar que constituía, utilizando aqui as categorias bachelardianas, um obstáculo a ser removido para que a museologia pudesse alcançar o status de ciência autônoma. É precisamente essa convicção que se encontra na base do gesto revolucionário stranskyano, o qual se que consistiu em dois momentos. No primeiro, e ainda ancorando-se no museu – dado caráter relacional mutuamente constitutivo entre museu e museologia -, Stránský declara ser a museologia uma disciplina científica. Mais adiante, aprofundando o gesto de ruptura/corte epistemológico, argumentando que o objeto próprio dessa ciência emancipada não poderia ser o museu, propõe que o "[...] centro da intenção gnosiológica da museologia" (Stránský, 2020, p. 159)[7] seria a relação específica, mediada pelo museu, entre o homem e seu meio. A esse modo de apropriação gnosiológica e axiológica da realidade que é própria dos museus, ele denominou de musealidade. Nesse quadro teórico, o museu é entendido como "uma das formas possíveis de realização da abordagem específica do homem em relação à realidade" (op. cit., p. 160) - concepção também compartilhada por Gregorová (1980, 1981) e Rússio (1981, 2020). Com isso, ficam também lançadas as bases de uma metateoria específica do campo, a metamuseologia, que teria por objeto a prática teórica da museologia e que não se confundiria com o arcabouço teórico-conceitual e metodológico dessa disciplina[8].

2.1 O LUGAR E A IMPORTÂNCIA DO CORTE EPISTEMOLÓGICO

Ao fazer uma análise das condições de cientificidade, Bachelard (2005) verificou que no percurso da produção científica interpõem-se obstáculos de diversas origens e

[6] Insiste-se no uso do termo crítica e há uma razão epistemológica para isso, para tanto, evoca-se o que diz sobre isso José Paulo Netto (2011, p.18 – grifos no original): "a crítica do conhecimento acumulado consiste em trazer ao exame racional, tornando-os consciente de seus *fundamentos*, os seus *condicionamentos* e os seus *limites*, ao mesmo tempo em que se faz a verificação dos conteúdos desse conhecimento a partir dos processos históricos reais". Afinal, à museologia, em termos de história da ciência, também se pode aplicar o método de tornar estranho o que nos é familiar, e tornar familiar o que (ainda) nos é estranho.

[7] Vertendo a terminologia husserliana de Stránský para a althusseriana, a intenção gnosiológica corresponde à prática teórica.

[8] Para maiores discussões sobre metateoria e metamuseologia, remeto a Scheiner (2017) e a Leshchenko (2017).

características e frente às quais torna-se necessário, para seguir adiante teórica e metodologicamente, superar de modo radical. A esse procedimento crítico de superação desses obstáculos ao fazer científico, ele denominou de ruptura epistemológica. Em síntese, a ruptura epistemológica não consiste simples e mecanicamente no estabelecimento de um antes e um depois da ruptura no campo científico. Ela implica, necessariamente, na formação de novos conceitos, novas teorias, nova problematização e linguagem, como condição para que um cânone científico possa se estabelecer, o que, por sua vez, implica um movimento de virada ontológica. Sempre lembrando que, sendo dialética, toda ruptura epistemológica não faz uma simples eliminação do paradigma anterior. Ao superá-lo em nova síntese, carregam-se, ressignificados, alguns elementos do paradigma anterior que se mostrem dotados de potência epistemológica. Em uma perspectiva teórica que, em alguns de seus princípios, se assemelha a de Bachelard, Kuhn (2013), ao tratar das revoluções científicas, advoga que a ciência evolui mediante crises periódicas cujos efeitos estruturantes levam a remodelações teóricas, metodológicas e conceituais e, no limite, à instauração de novo paradigma.

Althusser mostrou, em releitura de Bachelard, que essa noção de ruptura epistemológica, que ele ora mantém, ora a denomina de corte epistemológico, pode (ou deve) ser aplicada em relação à trajetória intelectual de um autor. Tem-se, assim, o seguinte quadro teórico-crítico: Bachelard deduz da história da ciência a noção abrangente de ruptura epistemológica; Althusser aplica-a ao conjunto da obra de um autor, para mostrar quando e como esse autor, superando os obstáculos epistemológicos que o mantinham preso a um modelo conservador, rompe com eles e funda um novo paradigma teórico-conceitual.

Em adição a isso, faz-se necessário abordar a noção kuhniana de paradigma, pois se trata de um conceito-chave para parte da análise que se seguirá. Em síntese, considera-se haver um paradigma em ciência quando se observa a existência de uma visão de mundo epistemológica compartilhada pelos membros de uma mesma disciplina ou mesmo época científica. Para Kuhn, um paradigma funciona hegemonicamente como um conjunto de compromissos compartilhados pelas diversas disciplinas científicas. Deste modo, um paradigma engloba as teorias, conceitos e leis, problematização, ou, seja todo o corpo de conhecimento aceito como epistemologicamente forte; a instrumentação**,** qual seja, as ferramentas ou métodos considerados legítimos, sistemas de avaliação, terminologia e, por

fim, um conjunto de valores (nível ideológico[9] da ciência, na terminologia althusseriana), que, por sua vez, leva a considerar o que conta como uma "boa" pergunta ou uma resposta "científica". Ou seja, além de todo o aparato epistemológico, um paradigma inclui generalizações simbólicas, crenças em modelos analíticos princípios de como a ciência deve ser conduzida e avaliada.

Seguindo o exemplo desses dois autores, propõe-se aplicar a noção de rutura/corte epistemológico à museologia. Neste sentido, os textos de Stranský, a partir de 1965, bem como o de alguns de seus comentadores, oferecem material necessário e suficiente para sustentar empiricamente as interpretações apresentadas. Considerando, histórica e socialmente, a atividade científica, Junior (1980, p. 27) adverte que "[...] a ciência não se destina a ser um registro passivo do Universo, um espelho em que esse se visse refletir, e sim um instrumento [...] com que o ser pensante [...] penetre a Realidade objetiva a fim de nela e sobre ela agir". Eis uma das chaves do movimento revolucionário stranskyano, afinal, "a museologia em si mesma não pode [existir] também sem sua realização" sem o que ela, enquanto ente puramente teórico, perderia "a sua missão social" (Stránský, 2020, p. 162).

3 STRÁNSKÝ, A RUPTURA E O CORTE INTERROMPIDO

Há, na história da museologia, certo consenso segundo o qual o pensamento stranskyano se configura como um marco teórico. Tomando esse consenso como referência, apontar-se-á alguns elementos que podem, ou não, justificá-lo ou explicá-lo. Soares (2017, p.407) indica ter havido, nos anos 1960, um processo contínuo de mudança teórica no perfil dos profissionais e museus que "iria gerar uma revolução na prática e assegurar um lugar para os museólogos como pensadores e pesquisadores, em vez de meros técnicos de museus".

Antes de prosseguir analisando o percurso teórico-conceitual desse museólogo, é importante explicitar as bases de seu pensamento (Baraçal, 2008, 2015; Brulon, 2017; Scheiner, 2017). De acordo com Scheiner, a formação intelectual de Stránský assentava-se em

[9] No que concerne ao gesto interpretativo aqui enunciado, destaca-se um termo chave tanto para a AD quanto para o materialismo histórico: ideologia, a respeito do qual, ainda que brevemente, é necessário tecer alguns comentários. É fundamental ter em conta que, nesse contexto, a ideologia se constitui como um fator instituinte e estruturante de qualquer esfera sociocultural, uma vez que ela "[..] faz organicamente parte, como tal, de toda totalidade social" (Althusser, 2015, p. 192). Segundo Marilena Chauí (2025), a ideologia é um produto da atividade sociocultural do homem, sendo, portanto, constitutiva de sua subjetividade. É, assim, uma forma de representação imaginária da realidade e cujo papel é dissimular as condições objetivas que produzem a realidade vivida.

duas matrizes filosóficas: a fenomenologia de base husserliana (destacando-se uma perspectiva de observar a realidade a partir de seus fenômenos e a imprescindibilidade do rigor científico) e o materialismo dialético (perceptível na ênfase na fundação e existência histórico-social objetiva dos museus). Desse modo, mesmo quando propõe um conceito altamente abstrato, não aparece nos textos dessa época nenhuma propensão ontometafísica. Para ele, o museu, assim como a museologia e assim como o conjunto de reflexões teóricas e metateóricas existem objetivamente na realidade histórico-social.

Isso posto, vê-se que uma das matrizes que levaram posteriormente Stránský ao corte epistemológico encontra-se na condição ancilar da museologia em relação ao museu uma vez que, como Stránský (2020, p. 159) aponta "[...] a teoria do museu está ligada à prática museal" devido, em parte, ao fato dos museólogos, de então, estarem "obcecados pela ideia de que o objeto da museologia é o museu" (op. cit., p. 159) e, em parte, porque a museologia é "uma ciência em que a teoria e a prática interagem dialeticamente, uma retroalimentando a outra" (Rússio, 2020, p. 63). Voltando ao diagnóstico de Soares sobre a busca infrutífera do objeto da museologia, é factível levantar a hipótese de que a razão desse insucesso resida precisamente nessa obsessão museística que, como se verá mais adiante, persiste até hoje.

Deste modo, a relação museu-museologia assim como o estar entre a produção de conhecimento e a necessidade de assegurar teoricamente a existência e a missão do museu, constituía um constante questionamento, no centro do qual, se encontrava a cientificidade da museologia. Assim é que, em texto de 1987, Stránský (2020, p. 158) afirma que "[...] o conteúdo da literatura museológica contemporânea [...] 'depende' inteiramente dos museus". Todavia, com base (ainda que extrapolando) em Baraçal (2015) - em que ele expõe resultado de uma pesquisa sobre os principais temas de monografias e artigos em que se mostra que o maior quantitativo dessa produção dependia do museu -, e considerando o estado da arte da atual produção museológica, verifica-se que pouca coisa mudou desde o diagnóstico stranskyano.

Como apontam Baraçal (2008 e 2015), Brulon (2017) e Mairesse e Desvallées (2011), entre 1965 - tomado como marco histórico referencial por ter sido neste ano que Stránský publicou um artigo em que já afirmava ser a museologia uma disciplina científica - e 1980, a reflexão teórica stranskyana se concentrava na fundamentação epistemológica da museologia e de seu objeto teórico. Deste modo, "na década de 1970, possivelmente em sua segunda metade, Stránský define o objeto da museologia como a musealidade" (Baraçal, 2015, p. 24)

que, para ele, indicava o valor museal das coisas, sendo o museu o agente capacitado a distinguir, dentre as coisas, as que possuem musealidade das que não a possuem. Sabe-se, entretanto, que até chegar a esse objeto houve um percurso teórico-crítico de busca de fundamentos sólidos para sustentar tal afirmativa. Nos vários textos de Stránský esse percurso é explicitado. É também neles que a insatisfação gnosiológica desse teórico transparece, dada a contínua reformulação do que a sua prática teórica vai produzindo.

3.1 O MUWOP E ABALO SÍSMICO NA MUSEOLOGIA

O ano é 1980, corte temporal a partir do qual se delineia um antes e um depois museológico. A razão para isso é tripla: histórica, epistemológica e institucional. Histórica pelo que representou em termos de um ponto de inflexão que mudaria, para sempre, a museologia. Epistemológica porque pela primeira vez, de modo sistemático e de amplo espectro, a museologia é, ela mesma, posta como objeto de discussão metateórica sob a ótica de ser ou não ou também ciência e atividade prática, isto é, de atuar como corpo teórico e zeladora de museus. E institucional porque, respondendo positivamente a pressões teóricas, técnicas e políticas que existiam desde há muito no campo museal/museológico o ICOM faz uma consulta aos museólogos/curadores/técnicos de museus instando-os a responder se a museologia seria ou não ciência (tema do MuWoP 1, 1980) e sobre o caráter interdisciplinar da museologia (MuWoP 2, 1981). Qual foi, então, a importância desse momento e movimento tanto institucional como do campo como um todo? Chagas, em texto de 2011, nos oferece sinteticamente a melhor resposta, ao denominar o evento como um abalo sísmico epistemológico.

Os MuWoP são, deveras, a vitrine do pensamento museológico desse período, não só porque contêm textos seminais (Stránský. Gregorová, Desvallées, Rússio, Tsurota dentre outros), mas principalmente por trazerem o debate e asa controvérsias científicas estampados em suas páginas. Em conjunto, não há dúvida de que os MuWoP representam o epicentro desse abalo sísmico ocorrido na museologia. Todavia, o impacto teórico de Stránský não se encontra, de fato, em sua contribuição nos dois números do periódico[10]. Ele fez três intervenções, uma no número 1 na qual se dedica a analisar, a partir de uma perspectiva

[10] Só houve, de fato, a publicação desses dois números, embora houvesse um terceiro programado. O MuWoP foi substituído pelo Icofom Study Series (ISS). Há diversas hipóteses sobre a brevidade editorial do MuWoP; propõe-se aqui uma: a de que esse periódico tenha cumprido a missão para a qual foi criado.

epistemológica e gnosiológica, conceitos e termos próprios a uma ciência (Stránský, 1980, 2008); e duas no número 2, ambas tratando, via diferentes perspectivas, a questão da cientificidade, em particular, quando aplicada à museologia (Stránský, 1981a, 1981b). Se bem que sejam análises sistemáticas e rigorosas, não é nesses textos que ele explicita sua própria posição em relação a ser a museologia ciência ou apenas uma atividade prática em museus. No que concerne a isso, seu texto seminal é o de 1965, ao qual se seguiram outros, buscando refinar seu quadro metamuseológico. Nos MuWoP, sua análise se conclui pela afirmação que, dadas as condições necessárias e suficientes de cientificidade, a museologia ainda se constituía em uma ciência em formação.

É interessante, verificando o conjunto das respostas, em especial as que discutem o estatuto científico ou não da museologia que, em geral, elas apresentam um quadro teórico diversificado que, de certo modo, não diferem do diagnóstico de Stránský (2017, p. 20), com base na produção dos anos 1960. Ele distinguia a existência de quatro posicionamentos:

> "A – Museologia como disciplina científica regular; AB – Museologia como disciplina científica especializada e aplicada (aplicação ao museu), Museologia geral considerada como generalização das especialidades com caráter mais teórico; C – Museologia como método e técnica de trabalho em museus; D- a Museologia não tem direito à existência [científica]; é redundante: a questão da atividade em museus é questão prática".

Com base nas respostas aos temas dos MuWop, é possível agrupar as respostas em três blocos distintos: o Bloco 1 que defendia a museologia como ciência, ele próprio dividido em duas alas. A ala A defendendo o caráter pré-científico da museologia (Stránský), a ala B afirmando a cientificidade da museologia cujo objeto não é o museu, mas considerando este o lócus do objeto (Lewis, Gregorová, Schreiner, Hubendick, Piščulin, Tsuruta); o Bloco 2 constituído por aqueles que negavam o caráter científico da museologia (Jensen, Burcaw, Lumieux) e o Bloco 3 defendendo uma terceira via museológica (Desvallées).

3.2 O CORTE, A SUTURA E A CICATRIZ

Frente à ruptura epistemológica iniciada por Stránský, tal como se depreende dos textos publicados tanto nos MuWoPs quanto em textos posteriores a 1980 publicados por ele e por outros teóricos, verifica-se uma postura conceitual que, do ponto de vista epistemológico, pode-se classificar como conciliatória. Mas de que conciliação se trata? O ponto de partida assumido é que houve um corte, ou seja, foi deflagrada uma ruptura com a concepção e prática museológica que vigia até os anos 1980. Diante dessa nova realidade

epistemológica, vários pensadores da museologia, cada um com interpretações próprias, buscam suturar o corte, preservando algo da antiga concepção museológica e conciliando-a com as novidades introduzidas no campo, especialmente no tocante ao estatuto do museu.

Reitera-se que a premissa defendida neste artigo é a de que, dada ruptura parcial resultante do corte epistemológico e que, por vários motivos, pode ser caracterizado como um corte interrompido, houve um movimento de concessão que também pode ser caracterizado como uma sutura epistemológica, de certo modo motivada pelo insucesso de fazer-se uma clivagem entre museu e museologia. É nesse movimento contínuo de conciliação que se encontram as razões pelas quais considera-se a incompletude do corte epistemológico como uma revolução restaurativa.

Os elementos que levam a definir o corte stranskyano como revolução-conservação encontram-se nos textos desse autor e nos de outros museólogos. Ademais, se se tomar as condições de ruptura epistemológica de Bachelard e as de paradigma de Kuhn, vê-se que um corte epistemológico só se consuma quando: rompe radicalmente com as matrizes teórico-conceituais do paradigma anterior que, assim, perde legitimidade, o novo corpo teórico reorganiza completamente os problemas, métodos e critérios de verdade, a comunidade científica adere majoritariamente à nova matriz disciplinar. No caso da museologia, de fato o paradigma museológico anterior não foi efetivamente superado, a comunidade não aderiu em bloco, legitimando essas transformações, e a prática institucional continuou a reproduzir o modelo tradicional.

Em suma, considerando-se as falhas a que se refere Stránský (2020) e que como aponta Soares (2017) ainda não foram superadas, assim como o corte interrompido e a sutura dos quais resultou uma revolução-conservação, entende-se porque o campo museológico não logrou constituir um paradigma, fato que, por sua vez, define a museologia, do ponto de vista epistemológico, como uma ciência inacabada ou ainda em busca de seu acabamento teórico-metodológico.

4 EM BUSCA DE ACABAMENTO E O DEVIR MUSEOLÓGICO

A museologia é um membro importante da família das ciências[11] e, sendo ciência, não é, por definição filosofia[12]. E ainda, como toda ciência, apresenta um objeto próprio a partir e em torno do qual elabora um conjunto sistemático de teorias, conceitos, métodos, problematizações e terminologia. Para muitos teóricos do campo, em especial a partir da segunda metade do século XX, se havia consenso quanto à cientificidade da museologia, havia também dissenso sobre dois pontos cruciais: sobre qual seria o tipo de ciência e qual seria seu objeto próprio. Em termos de "ciência normal", a maioria defendia – concepção ainda hoje dominante - que era uma ciência dos museus e que, portanto, esse seria seu objeto central. Tanto é assim que o tema de muitas discussões teóricas se refere à natureza, organização, missão e modos dos museus interagirem com a realidade.

Neste sentido, a radicalidade da novidade trazida, por Stránský - e que, como se a entende, provocou um abalo epistemológico - consistia em dois elementos interligados: a de que a museologia seria uma ciência autônoma e que seu objeto não era nem poderia ser o museu. Suas intervenções nos debates da época deram margem a uma virada epistêmica e que, como consequência lógica, provocaria - se não no todo, ao menos parcialmente - um corte ou ruptura teórico-conceitual no campo museológico. Como foi explicitado - e que exigiu desse teórico um longo e contínuo processo crítico-epistemológico não apenas do estado da arte da museologia, mas de suas próprias formulações. Percebe-se, na evolução do pensamento stranskyano, que seu entendimento da relação específica e da musealidade não se manteve uniforme, revelando sua insatisfação teórica (ou, hipótese igualmente possível, refletindo seus enfrentamentos, no terreno da metamuseologia, com outros teóricos). Resumindo, desde a primeira formulação explicativa tanto da relação específica quanto da musealidade (anos 1960-1970), até seus últimos textos, de certa forma Stránský vai "suturando" o corte que ele mesmo havia causado.

Esse percurso crítico mostra um itinerário que, se em determinado momento (os anos 1980) atinge um ponto culminante de tensão e ruptura no que tange à relação da museologia com o museu, especialmente no que concerne à sua rejeição do museu como o objeto teórico

[11] Assunção não destituída de controvérsias, especialmente, como foi visto, no que respeita ao tipo de ciência e à identidade de seu objeto teórico.

[12] A diferença entre ciência e filosofia (que, em termos de teoria e produção de conhecimento, são parentes consanguíneos) pode ser resumida no que tange ao objeto e missão. A ciência tem por missão estudar a realidade para poder melhor agir sobre ela, a partir de um núcleo que é específico de cada membro da família: seu objeto próprio. Já a filosofia tem por missão e objeto próprios pensar o pensável em sua totalidade, como assevera Žižek (2026).

da museologia, vai paulatinamente, por meio de revisões conceituais, retornando ao cenário museal como o lócus próprio da musealidade.

Apesar desse movimento retornante, a museologia jamais foi a mesma de antes de 1980. Mesmo considerando o corte interrompido, a falha paradigmática e a revolução-conservação, o campo museológico havia-se transformado devido justamente à ação renovadora de Stránský[13]. Todos os elementos típicos da obra stranskyana - aos quais acrescentam-se os encontrados em textos de Gregorová (1980, 1981) e Rússio (1981, 2020), dentre outros -, permitem compreender e justificar o corte epistemológico dos anos 1980 como uma revolução-conservação. Esta característica histórica e científica, por sua vez, liga o esquema evolutivo de Stránský à atualidade. Graças ao conjunto de pequenos abalos conceituais, o pensar e o agir museológicos, da mesma forma que o museu, se transformaram de uma forma tal que não permite retrocessos.

Ao iniciar a leitura crítica desse momento-chave da museologia, partiu-se do pressuposto analítico-interpretativo que tanto a ação de estabelecimento de um corte epistemológico, quanto o de suturá-lo e, no limite, de tentar revertê-lo, são feições, ainda que contrárias e contraditórias, da vontade ou desejo de potência, dentro dos limites histórico-sociais vigentes e das condições materiais de existência das disciplinas científica. No que tange especificamente ao inacabamento científico da museologia, expresso em sua falha paradigmática, deve-se levar em conta, como apontam Soares (2017) e Hernández (2006), a busca frustrada por uma definição consensual do objeto próprio da museologia. A isso, acrescente-se, contra qualquer conformismo ou apelo mítico, a advertência de Stránský, segundo a qual a existência de um corpo teórico em uma disciplina não a transforma em ciência.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Por Marx**. Campinas: Ed. Unicamp, 2015.

ALTHUSSER, Louis. **Posições -2.** Rio de Janeiro: Graal, 1980.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico.** Contribuição a uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

[13] Ao fato de que os eventos históricos, mesmo os restauradores, não retornam ao mesmo ponto de partida, levou Lénine (1997) à conclusão de que a história se movimenta em forma de uma espiral.

BARAÇAL, Anaildo Bernardo. **Em busca do objeto da museologia/patrimoniologia**: alguma especulação. 2015. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/81221026/Em_Busca_do_Objeto_Filos%C3%B3fico_da_Museologia_Patrimoniologia_alguma_especula%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 15 maio 2026.

BARAÇAL, Anaildo Bernardo. **O objeto da museologia**. A via aberta por Sbyněk Zbyslav Stránský. 2008. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: https://www.unirio.br/estudante/ppg-pmus/anaildo_bernardo_baracalatualizadoemmaro2019.pdf. Acesso em: 15 maio 2026.

BORGES, Luiz Carlos. **A fala instituinte do discurso mítico guarani mbyá.** 1998. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1998. Disponível em: https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.1998.174703. Acesso em: 15 maio 2026.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**. Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp, 2004.

BRULON, Bruno. Provocando a museologia. O pensamento germinal de Stránsky e a escola de Brno. **Anais do Museu Paulista,** [*s. l.*], v. 25, n. 1, p. 403-425, jan./abril, 2017. Disponível em: https://revistas.usp.br/anaismp/pt_BR/article/view/139685/134965. Acesso em: 15 maio 2026.

CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto.** v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

CHAGAS, Mario. Museologia e poder: contribuição para a teoria e a prática nos ecomuseus. *In*: II ENCONTRO INTERNACIONAL DE ECOMUSEUS/IX ICOFOM-LAM, 2. 2001, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Tacnet Cultural, 2001. p. 12-18. Disponível em: https://www.ecomuseusantacruz.com.br/uploads/Publicacoes/fbd013552d8bdbbf7580eb1d5c2cb328.pdf. Acesso em 2 jun. 2026.

CHAUI, Marilena. **Ideologia**. Uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2025. (Pontos de Partida).

DESVALLÉES, André. Muséologie comme champ disciplinaire. **Ciência da Informação**, [*s. l.*], v.42, n.3, p.329-344, 2013. Disponível em: www.brapci.inf.br/v/20077. Acesso em 2 jun. 2026.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere** (v. 5): O Rissorgimento. Notas sobre a história da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. Disponível em: https://biblioteca.ifpe.edu.br/bib/38697. Acesso em 2 jun. 2026.

GREGOROVÁ, Anna. Museological Working Papers. **MuWoP**, [*s. l.*], n. 2, p. 33-36, 1981. Disponível em https://icofom.mini.icom.museum/publications-2/museological-working-

papers. Acesso em 15 maio 2026.

GREGOROVÁ, Anna. Museological Working Papers. **MuWoP**, [*s. l.*], n. 1, p. 19-21, 1980. Disponível em: https://icofom.mini.icom.museum/publications-2/museological-working-papers. Acesso em: 15 maio 2026.

JUNIOR, Caio Prado. **Dialética do conhecimento**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

HERNÁMDEZ, Francisca Hernández. **Planteamientos teóricos de la museología**. Gijón: Trea, 2006.

HOBSBAWN, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

KUHN, Thomas Samuel. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 2013.

LÉNINE, Vladimir Ilitch Ulianov. **Karl Marx.** (Breve esboço biográfico seguido de uma exposição do Marxismo). Lisboa: Ed. Avante, 1977. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/lenin/1914/11/marx-avante.htm. Acesso em: 25 maio 2016.

LESHCHENKO, Anna. Metamuseologia e o discurso museológico. *In*: SOARES, Bruno Brulon; BARAÇAL, Anaildo Bernardo. (Eds.). **Stránský**: uma ponte Brno-Brasil. Paris: 2017. (Anais do 3º Ciclo de Debates da Escola de Museologia da Unirio). p. 115-129. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/317647785_Metamuseologia_e_o_Discurso_Museologico. Acesso em: 25 maio 2016.

MAIRESSE, François; DESVALLÉES, André. Muséologie. *In*: DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. (Dir.). **Dictionnaire encyclopédique de muséologie**. Paris: Armand Colin, 2011. p. 343-383. Disponível em: https://museologiavirtual.tech/repositorio/manuais-sobre-exposicoes/dictionnaire-encyclopedique-de-museologie/. Acesso em: 25 maio 2016.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

RÚSSIO, Waldisa. O objeto da museologia. *In*: CARVALHO, Luciana Menezes de; ESCUDERO, Sandra. Orgs.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**. Paris: Icofom, 2020. p. 63-68. (Teoria Museológica Latino-Americana. Textos fundamentais, 3). Disponível em: https://www.academia.edu/44047666/Waldisa_R%C3%BAssio_Camargo_Guarnieri. Acesso em: 25 maio 2026.

RÚSSIO, Waldisa. Museological Working Papers. **Museological Working Papers**, [*s. l*], n. 2, p. 56-57, 1981. Disponível em https://drive.google.com/drive/folders/1cyZIfM8_MqL6mgc1qjKT-lAx0LDP5WkO. Acesso em 15 maio 2026.

SCHAFF, Adam. **A sociedade da informática**. As consequências da segunda revolução industrial. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SCHEINER, Teresa Cristina. Para além do museu: museologia e meta(?)teoria: Notas sobre a contribuição de Stránsky para o pensamento latino-americano. *In*: SOARES, Bruno Brulon; BARAÇAL, Anaildo Bernardo. (eds.). **Stránský**: uma ponte Brno-Brasil. Paris: 2017. (Anais do 3º Ciclo de Debates da Escola de Museologia da Unirio). p. 60-72. Disponível em: https://icofom.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/18/2018/12/Icofom_Stransky_couv_cahierFINAL.pdf. Acesso em: 15 maio 2026.

SCHEINER, Tereza Cristina. Museologia, identidade, desenvolvimento sustentável: estratégias discursivas. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ECOMUSEUS/IX ICOFOM-LAM, 2., 2001, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Tacnet Cultural, 2001. p. 46-56. Disponível em: https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=FOvUcmQAAAAJ&citation_for_view=FOvUcmQAAAAJ:u5HHmVD_uO8C. Acesso em: 15 maio 2026.

SOARES, Bruno Brulon. The myths of museology: on deconstructing, reconstruting, and redistributing. **Icofom Study Series**, [*s. l.*], v. 49, n. 2, p. 243-260, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.4000/iss.4044. Acesso em: 15 jun. 2026.

SOARES, Bruno Brulon. Zbynek Z. Stransky. *In*: SOARES, Bruno Brulon. (ed.). **A history of museology.** Key authors of museological theory. Paris: Icofom, 2019. p. 72-87. Disponível em: https://icofom.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/18/2023/03/2019_history_of_museology_bruno.pdf. Acesso em: 15 jun. 2026.

SOARES, Bruno Brulon. A museologia reflexiva: recompondo os fundamentos de uma ciência contemporânea. *In*: SOARES, Bruno Brulon; BARAÇAL, Anaildo Bernardo. (Eds.). **Stránský**: uma ponte Brno-Brasil. Paris: 2017. (Anais do 3º Ciclo de Debates da Escola de Museologia da Unirio). p. 60-72. Disponível em: https://icofom.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/18/2018/12/Icofom_Stransky_couv_cahierFINAL.pdf. Acesso em: 15 maio 2026.

PIRANDELLO, Luigi. **Seis personagens a procura de um autor**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

STRÁNSKÝ, Zbyněk Z. A museologia e os museus. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [*s. l.*], v. 9, n. 17, p. 158-161, jan./jun. 2020. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/31601/26142. Acesso em 2 jun 2026.

STRÁNSKÝ, Zbyněk Zbyněk. O objeto da museologia. *In*: SOARES, Bruno Brulon; BARAÇAL, Anaildo Bernardo. (Eds.). **Stránský**: uma ponte Brno-Brasil. Paris: 2017. (Anais do 3º Ciclo de Debates da Escola de Museologia da Unirio). p. 18-27. Disponível em: https://icofom.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/18/2018/12/Icofom_Stransky_couv_cahierFINAL.pdf. Acesso em: 9

nov. 2026.

STRÁNSKÝ, Zbyněk Zbyněk. Sobre o tema “museologia - ciência ou apenas trabalho prático” (1980). Revista **Museologia e Patrimônio**, v. 1, n. 1, p. 101-105, 2008. Disponível em https://revistamuseologiaepatrimônio.mast.br/index.php/ppgpmus/issue/view. Acesso em 1 jun. 2026.

STRÁNSKÝ, Zbyněk Zbyněk. [Publications]. **Museological Working Papers**, [*s. l.*], n. 2, p. 19-21, 1981a. Disponível em https://icofom.mini.icom.museum/publications-2/museological-working-papers. Acesso em 15 maio 2026.

STRÁNSKÝ, Zbyněk Zbyněk. The theory systems and museology. **Museological Working Papers**, [*s. l.*], n. 2, p. 70-73, 1981b. Disponível em https://icofom.mini.icom.museum/publications-2/museological-working-papers. Acesso em 15 maio 2026.

ŽIŽEK, Slavoj. **Liberdade**. Uma doença sem cura. São Paulo: Civilização Brasileira, 2026.